



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17742 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

A FORMAÇÃO INICIAL DO/A PROFESSOR/A ALFABETIZADOR/A: REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA

Ana Paula Souza Báfica - UESC - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Darluce Andrade de Queiroz Muniz - UFU - Universidade Federal de Uberlândia

Ilka Miglio de Mesquita - UESC - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

A FORMAÇÃO INICIAL DO/A PROFESSOR/A ALFABETIZADOR/A: REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA

1 INTRODUÇÃO

O saber do/a professor/a está diretamente ligado a processos históricos e a diversos momentos de sua vida profissional. Esse saber não se encerra nas atividades diárias, e sim, constitui um alicerce para a construção de sua carreira, marcada por trajetórias, continuidades e rupturas. Nessa vertente, é sempre necessário repensar a formação para o exercício do magistério, na busca pela articulação entre os conhecimentos produzidos nas instituições voltadas para o ensino e os saberes que os professores desenvolvem em suas práticas cotidianas (Tardif, 2018).

Partindo das afirmações acima, aliadas às questões que interferem no processo de alfabetização, o presente trabalho traz o resultado de uma pesquisa realizada nos *sites* oficiais das Universidades Públicas da Bahia (Federal e Estadual), na modalidade presencial, que se ocupou em pesquisar qual o lugar do ensino de leitura e escrita nos cursos de Pedagogia das referenciadas instituições? Objetiva perceber se as disciplinas oferecidas nos cursos de Pedagogia, para o ensino de leitura e escrita, dão conta de preparar um/a professor/a para alfabetizar.

O estudo definiu-se a partir de uma abordagem qualitativa, com dados descritivos, o que possibilitou atentar ao máximo para os elementos que se fizeram presentes na situação estudada, preocupando-se mais com o processo, pois quando decide-se estudar determinada situação – a formação inicial do/a professor/a para a prática pedagógica da leitura e da escrita – está-se buscando verificar e compreender suas possíveis influências nos procedimentos e interações do cotidiano (Ludke; André, 1986).

Para estruturar a organização do trabalho: num primeiro momento, apresentaremos o referencial teórico acerca da temática em questão; em seguida, os resultados encontrados no decorrer do processo; e, por fim, as considerações finais sobre as aprendizagens construídas nessa experiência.

2 O QUE É ALFABETIZAR? ALGUNS ASPECTOS DA HISTÓRIA

Pensar o processo de alfabetização inicial, no Brasil, é pensar em questões ligadas à escolha dos métodos utilizados para que a criança adentre ao mundo da cultura letrada. Esses debates têm se tornado cada vez mais frequentes no espaço escolar e também fora dele. De acordo com Mortatti (2000), foi a partir do final do século XIX, mais precisamente com a proclamação da República, que a educação começou a se configurar em um sonho para a modernidade.

No decorrer da história da alfabetização, a autora citada acima fala sobre a fundação de uma nova tradição no ensino de leitura e escrita, o que viria propor uma “alfabetização sob medida”, ou seja, as questões didáticas estariam subordinadas às questões psicológicas. Com isso, a escrita continuou sendo vista como dependente de habilidade caligráfica e ortográfica, sendo ensinada concomitantemente ao processo de aquisição da leitura. No entanto, era necessário um período preparatório permeado por exercícios de coordenação motora, visomotora, posição de corpo e membros, entre outros.

No início da década de 1980, surgiram questionamentos com relação a essas tradições e outras urgências de ordem política e social, o que deu ênfase à apropriação da teoria construtivista, fundando, então, uma nova tradição, chamada desmetodização da alfabetização, enfatizando quem aprende e como aprende a lectoescrita (Mortatti, 2004). Ainda nesse período, iniciou-se uma emergência no pensamento interacionista em alfabetização, o qual via o texto como unidade de sentido da linguagem, devendo ser tomado como objeto de leitura. A partir daí foi gerada a disputa entre os defensores dessa teoria e os do construtivismo, o que foi acabando com o passar do tempo, devido à conciliação entre aspectos de uma e de outra teoria (Mortatti, 2004).

Nessa direção, pensar em alfabetização e, conseqüentemente, letramento, é buscar nas literaturas conceitos que mais se aproximem do que entendemos por real e necessário para o

processo de ensino/aprendizagem dos/as nossos/as alunos/as, como forma de efetivar nossa prática, a partir de ações que estejam fundamentadas nas pesquisas de diversos autores, como: Cagliari (1994), Soares (2004), Morais (2012), entre outros.

2.1 Formação Inicial: O Professor(a)/ Alfabetizador

É sabido que o/a professor/a alfabetizador/a, ao adentrar na prática pedagógica, tem em suas mãos um grande desafio a enfrentar, pois, ensinar a ler e escrever são tarefas complexas que requerem dedicação, reflexão sobre as ações a serem efetivadas e formação adequada para tal fim. A leitura e a escrita, mesmo não sendo práticas exclusivas da escola, são necessárias e imprescindíveis para o cotidiano de todos os seres que integram a sociedade. Nessa perspectiva, Cagliari (1994) diz que saber ler e escrever tem mais importância do que o próprio diploma e essa capacidade é entendida como a extensão da escola na vida dos indivíduos.

A formação de um/a professor/a é fator determinante para as escolhas que ele vai fazendo ao longo da sua vida profissional. Entender-se enquanto ser que age e interage no sentido de contribuir para o meio educativo é primordial para o cumprimento do seu dever social. Por isso, estudos sobre a prática alfabetizadora precisam ter seu espaço garantido nos currículos dos cursos de Pedagogia das Instituições de Ensino Superior (IES).

Para Imbernón (2011, p. 50), existem cinco eixos para a formação de professores/as:

A reflexão prático-teórica sobre a própria prática mediante a análise, a compreensão, a interpretação e a intervenção sobre a realidade. A capacidade do professor de gerar conhecimento pedagógico por meio da prática educativa;

2. A troca de experiências entre iguais para tornar possível a atualização em todos os campos de intervenção educativa e aumentar a comunicação entre os professores.

3. A união da formação a um projeto de trabalho.

4. A formação como estímulo crítico ante práticas profissionais como a hierarquia, o sexismo, a proletarização, o individualismo, o pouco prestígio etc., e práticas sociais como a exclusão, a intolerância etc.

5. O desenvolvimento profissional da instituição educativa mediante o trabalho conjunto para transformar essa prática. Possibilitar a passagem da experiência de inovação (isolada e individual) à inovação institucional.

A partir do conceito de formação enquanto capacidade de descobrir, organizar, fundamentar, revisar e construir a teoria, podemos abandonar o conceito de formar-se enquanto atualização científica, didática e psicopedagógica. Partimos, então, da premissa que o/a profissional da educação é um/a construtor/a de conhecimento pedagógico de forma individual e coletiva (Imbernón, 2011).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA

A pesquisa aqui apresentada foi realizada nos bancos de dados das Universidades Públicas da Bahia, que tem o curso de Pedagogia na modalidade presencial, mais precisamente, consulta realizada nos *sites* oficiais dessas Instituições de Ensino Superior, acessando seus fluxogramas e destacando as disciplinas que se encarregam de formar o/a professor/a para alfabetizar.

As Instituições pesquisadas foram: Universidade Federal da Bahia – UFBA, (Salvador), Universidade do Estado da Bahia - UNEB, (Salvador), Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, (Ilhéus), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, (Vitória da Conquista), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, (Amargosa), Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

Para a análise dos dados, considerou-se as informações contidas nos currículos das referenciadas Universidades, bem como as possibilidades neles contidas que oportunizem a formação inicial do/a professor/a para a docência na alfabetização (anos iniciais do Ensino Fundamental). É o que podemos observar na Tabela 1 apresentada na página seguinte.

Tabela 1

COMPONENTES CURRICULARES DO CURSO DE PEDAGOGIA					
DISCIPLINAS DESTINADAS À FORMAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A) ALFABETIZADOR(A)					
INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR					
UFBA (Salvador)	UNEB (Salvador)	UESC (Ilhéus)	UESB (Vitória da Conquista)	UFRB (Amargosa)	UEFS (Feira de Santana)
10 Semestres	08 Semestres	08 Semestres	08 Semestres	08 Semestres	08 Semestres
Alfabetização e letramento C/H 68 horas	Práticas de leitura e produção de texto C/H 60 horas	Leitura e Produção de texto C/H 60 horas	Alfabetização I C/H 60 horas	Ensino e Aprendizagem da Educação Infantil e Alfabetização C/H 85 horas	Alfabetização e Letramento C/H 75 horas
Leitura e Produção de texto (optativa) C/H 85 horas	Epistemologia e metodologia da Alfabetização e Letramento C/H 60 horas	Alfabetização Teorias e Métodos C/H 60 horas	Alfabetização II C/H 60 horas	Oficina de Escrita e Leitura (Optativa) C/H 51 horas	Fund. Teórico- Práticos do Ens de L.P. em Ed. infantil e Anos iniciais do Ens. Fund. C/H 60 horas
Linguagem e Educação C/H 68 horas		Alfabetização e Letramento C/H 60 horas	Alfabetização III C/H 60 horas	Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa C/H 85 horas	
Língua Portuguesa no Ensino Fundamental C/H 68 horas		Ensinos de Língua Portuguesa: conteúdos e metodologia C/H 75 horas	Conteúdo e Metodologia do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa C/H 60 horas	Prática Reflexiva em Alfabetização C/H 68 horas	
			Leitura e Ensino (Optativa) C/H 60 horas		
			Linguística aplicada a Alfabetização (Optativa) C/H 60 horas		
			Escrita e Ensino (Optativa) C/H 60 horas		
			Fonética, Fonologia e Alfabetização (Optativa) C/H 60 horas		

FONTE: Elaborada pelas autoras da pesquisa

Partindo das informações contidas na tabela acima, podemos perceber que todas as IES pesquisadas asseguram disciplinas que auxiliem a prática pedagógica do professor(a)

alfabetizador(a). Dentre elas, a UESB apresenta uma gama de possibilidades; podemos observar que a UFRB, a UESC e a UFBA disponibilizam o mesmo número de disciplinas para tal fim; as que apresentam um número menor de disciplinas são a UNEB e a UEFS.

Com relação às disciplinas ofertadas, aparecem com mais frequência “alfabetização e letramento e leitura e produção de texto”. Outro fator a ressaltar, a partir do resultado do levantamento dos dados, está o fato de muitas disciplinas serem oferecidas como disciplinas optativas. Essas informações são relevantes, pois nos oportuniza (re)pensar a formação para o/a docente que se interesse por esse segmento, trazendo mais disciplinas voltadas para a prática pedagógica para alfabetizar.

Nesse sentido, reflexões acerca do processo de formação dos docentes que irão atuar nesse segmento de ensino é ação indispensável. Pois, esse movimento de (re)pensar a nossa construção enquanto docente deve ser prática ativa nas atividades que realizamos no nosso cotidiano. Sempre lembrando que, quando falamos em formação, estamos falando na inicial e na continuada, porque partimos do entendimento que a aquisição de conhecimentos nunca se encerra.

Partindo dessas ideias, vários questionamentos vão surgindo, nos levando a pensar: como temos potencializado a formação para a docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental? E na busca por respostas, podemos trazer as contribuições de Côco, Vieira e Giesen (2018) que problematizam sobre formação inicial, focando na construção de um currículo que leve em conta as práticas, os saberes construídos, experiências vividas, desafios e perspectivas de entrada e permanência na profissão, ou seja, um espaço de escuta dos envolvidos nesse processo.

De acordo com Nóvoa (2002, p. 36),

[...] os professores não são apenas consumidores, mas são também produtores de materiais de ensino; que os professores não são apenas executores, mas são também criadores e inventores de instrumentos pedagógicos; que os professores não são apenas técnicos, mas são também profissionais críticos e reflexivos.

O excerto acima reforça a premissa de que o/a professor/a - entre esses está o/a alfabetizador/a – precisa estar em constante renovação, seja no que concerne à produção de materiais, tanto conteúdos, quanto situações didáticas, seja na sua construção cotidiana enquanto produtor/a e inventor/a, e, o mais importante, a sua construção pessoal de um/a profissional crítico/a e reflexivo/a (Nóvoa, 2002).

Nessa seara, é importante ressaltar que “o lócus da formação docente [no caso o/a alfabetizador/a] é a própria Pedagogia, enquanto campo científico, requerendo parceria entre docentes da graduação e seus alunos na composição do processo educativo comum” (Côco, Vieira e Giesen, 2018, p. 79). Isso seria compreender que é nesse curso que o/a futuro/a docente irá iniciar seu percurso formativo, deixando para a formação continuada o papel de

expansão e renovação dos saberes que foram previamente construídos. Para isso, repensar a formação inicial é tarefa que merece uma atenção especial, com práticas inovadoras e que possibilitem a construção de um saber-fazer docente mais completo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado dessa breve pesquisa trouxe outras questões acerca do que pode ser estudado em relação às estruturas curriculares dos cursos de Pedagogia, isso porque as pesquisas sobre formação inicial tem sido alvo de discussões nos mais diferenciados espaços. O recorte aqui explicitado foi apenas o olhar que tem sido lançado para a formação do/a alfabetizador/a, refletindo sobre como esse/a profissional chega até a escola para efetivar a prática pedagógica para o ensino de leitura e escrita.

Com relação à questão inicial, que buscou perceber se os cursos de Pedagogia das instituições pesquisadas dão conta de formar o/a professor/a para alfabetizar, podemos dizer que em parte, sim. Pois, por mais que não sejam muitas disciplinas (com exceção da UESB), todas trazem algo que permita o contato do/a professor/a com a alfabetização. No entanto, mais disciplinas que permitam o contato com o fazer pedagógico, entre elas, aquelas que estejam voltadas para o planejamento das ações que irão realizar, são necessárias.

Sempre é importante lembrar que o/a professor/a se constrói no processo, convivendo com seus pares, fazendo adaptações em seus planejamentos, refletindo suas escolhas e se permitindo (re)começar, quantas vezes forem necessárias. E esses espaços onde aprendemos e (re)aprendemos são a extensão do que aprendemos em nossas formações iniciais, pois nos direciona para um fazer-pedagógico mais eficaz.

Por fim, entendamos que as discussões aqui iniciadas não se encerram, pois muito ainda precisa ser feito com vistas a trazer um ensino de qualidade para nossos meninos e meninas, ao passo que a formação docente seja sempre levada em conta, para que todos/as sintam-se mais preparados para a docência.

E dessas considerações que não tem fim, fica o entendimento do desafio que é ser alfabetizador/a, alcançar as expectativas sociais em relação ao desempenho do trabalho docente e a necessidade de adotar práticas que atendam aos anseios dos alunos em aprender a ler.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 7. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

CÔCO, Valdete; VIEIRA, Maria Nilceia de A.; GIESEN, Karina Fátima. Formação inicial para a docência na educação infantil: indicadores da produção acadêmica. In.: **Rev FAEEBA**

– **Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 27, n. 51, p. 69-84, jan/abr. 2018.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, M. R. L. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Educação e letramento**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5-17, jan./fev./mar./abr. 2004.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. 4ª reimpressão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

UEFS. Universidade Estadual de Feira de Santana. Disponível em: <http://www.pedagogia.uefs.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=12>. Acesso em: 14 de dezembro de 2022.

UESB. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Disponível em: http://catalogo.uesb.br/cursos/pedagogia-lic-vc/20121_mat_pedagogia. Acesso em: 14 de dezembro de 2022.

UESC. Universidade Estadual de Santa Cruz. Disponível em: http://www.uesc.br/cursos/graduacao/licenciatura/pedagogia/fluxograma_pac_novo.pdf. Acesso em: 14 de dezembro de 2022.

UFBA. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: https://faced.ufba.br/sites/faced.ufba.br/files/curriculo_do_curso_de_licenciatura_em_pedagogi. Acesso em: 14 de dezembro de 2022.

UFRB. Universidade Federal do Recôncavo. Disponível em: https://ufrb.edu.br/cfp/images/NUGTEAC_2019/Grade_Curricular_-_Pedagogia_Noturno.pdf. Acesso em: 14 de dezembro de 2022.

UNEB. Universidade do Estado Da Bahia. Disponível em: <http://www.dedc1.uneb.br/wp-content/uploads/2020/12/FLUXOGRAMA-Pedagogia.pdf>. Acesso em: 14 de dezembro de 2022.